

Fichamento como método de documentação e estudo

Marivalde Moacir Francelin

1. Introdução

Apesar de o enfoque deste capítulo ser o fichamento, destacamos que as três formas básicas de apresentação de análise do texto acadêmico podem ser: fichamentos, resumos e resenhas. Entre os manuais metodológicos é comum dizer que fichar, resumir e resenhar documentos fazem parte dos métodos de [1] estudo do pesquisador iniciante. Na verdade fazem parte dos métodos de quase todo pesquisador que lida com fontes e registros de informação.

Esses elementos do processo da documentação e da pesquisa não são estanques e nem se isolam em suas etapas e formas de desenvolvimento. Pode-se fichar um documento e, logo em seguida, usar o fichamento para confeccionar um resumo ou uma resenha.

Além de recursos essenciais para estudantes e pesquisadores, fichamentos, resumos e resenhas acadêmicos também são parte das atividades cotidianas de trabalhos em disciplinas e relatórios de pesquisa. Portanto, podem ser considerados etapas de investigação acadêmico-científica.

No caso dos trabalhos acadêmicos não há um único método de desenvolvimento ou padrão de apresentação. Professores requisitam esses trabalhos como atividade e podem se apoiar em concepções e formatos distintos de fichamentos, resumos e resenhas. Dessa maneira, mesmo sabendo como

e porque fazê-lo, quando lhe for solicitado um fichamento, uma resenha ou um resumo, cabe ao estudante perguntar ao professor sobre o modelo que será usado na apresentação do trabalho.

Em síntese, podemos dizer que o fichamento é um método de pesquisa pessoal, portanto pode ser realizado de várias maneiras como veremos mais adiante. Sua função é de organizar ideias através do material consultado para a realização de uma pesquisa. Não há limite para se fazer fichamentos, mas isso depende de coerência. Não se pode fichar tudo sobre um assunto e, geralmente, não usamos todo o material que levantamos e fichamos, mas teremos uma fonte de informação organizada para consultas posteriores.

Os resumos já seguem, por exemplo, parâmetros pré-estabelecidos como as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). A função do resumo, muitas vezes, é de divulgação, ou seja, não serve apenas como método pessoal de pesquisa. Vocês verão muitos resumos e resenhas publicados mas, dificilmente, verão um fichamento em alguma publicação.

Um resumo tem extensão limitada e não comporta, como em resenhas e fichamentos, citações e comentários e, muito menos menciona outras obras. Geralmente, os resumos trazem informações sobre o conteúdo de uma obra. Tais informações devem ser claras e objetivas, representando o tema da obra, a metodologia utilizada, as hipóteses levantadas, metodologias e conclusões. Em fichamentos e resenhas estes itens não são obrigatórios, a não ser que sejam a temática da pesquisa empreendida e/ou da obra que está sendo analisada.

Outra coisa importante sobre os resumos está no fato de existirem vários tipos deles, mas não estamos falando apenas de resumos críticos, informativos e descritivos como as

normas sugerem. Estamos falando de resumos acadêmicos e resumos documentários. Qual é a diferença entre eles?

Os resumos acadêmicos são feitos como atividades de análise de textos para as disciplinas de graduação. Possuem linguagem menos formal e objetiva e não se baseiam, necessariamente, em normas. Os resumos acadêmicos são aqueles que os professores requisitam como atividade de análise de textos. Assim como na linguagem, também não há uma formatação para o texto do resumo acadêmico e nem mesmo critérios quanto à sua extensão. Eles podem ser apresentados em espaços duplos, com parágrafos e em mais de uma página, desde que mantenham as informações essenciais do documento.

A resenha comporta alguns elementos do fichamento e do resumo. Sendo um texto informativo e crítico ao mesmo tempo, a resenha, invariavelmente, pode intercalar comentários e citações (diretas e indiretas), fazer referências a outros textos, constituindo já um exercício de produção textual. As resenhas não possuem número máximo de páginas, mas devem respeitar alguns limites para não ser confundida com um ensaio ou um artigo ou com um resumo.

Não vamos nos estender muito nestas observações, mas é importante ter em mente que:

1. O fichamento é o primeiro passo na realização de uma pesquisa, portanto, quase sempre fazemos fichamentos, independentemente do tipo da pesquisa.
2. O resumo é uma atividade, um exercício de raciocínio que visa entendimento e síntese de uma obra a partir de regras pré-estabelecidas ou não.
3. Já a resenha é uma atividade de análise e síntese que permite maior elasticidade na abordagem, porém, exige, além das características já mencionadas, um certo domínio sobre assunto tratado na obra que está sendo resenhada. A

resenha é, portanto, uma atividade mais complexa, porém torna-se mais fácil quando o hábito de fazer fichamentos e resumos são familiares ao pesquisador.

Bem, chega de teoria e vamos aos exemplos. Por outro lado, devemos lembrar que a teoria é extremamente importante, pois, é a partir dela que refletimos sobre o que estamos fazendo e sobre o que pretendemos fazer. Lembrem-se que saber e fazer andam juntos! Se não pensamos, estaremos apenas copiando modelos mecanicamente e voltamos à estaca zero em termos de pesquisa e desenvolvimento de conhecimento. Pesquisa é um ir e vir constantes. Então, ao entrarem em contato com os exemplos abaixo, sempre procurem consultar o que está escrito acima como indicativo, e obras de referência para maiores detalhes, ou seja, as próprias fontes citadas e o material de apoio relacionado na bibliografia.

2. Formas de análise

Salomon (2001, p.91) diz que resumir faz parte da vida dos estudos, porém, esse exercício intelectual torna-se evidente, e frequente, na universidade, seguindo também como uma necessidade na vida profissional.

O autor revela ainda que os estudantes têm dificuldades em resumir, encontrar as ideias centrais e detalhes do texto lido. Assim, Salomon (2001, p. 92-94), indica duas “fontes” principais dessas dificuldades.

Dificuldades do estudante: alguns têm facilidade em encontrar semelhanças (*processo de síntese*), outros, diferenças (*processo de análise*). O principal problema, no entanto, reside no fato de, diante da necessidade de identificar o que é “fundamental, integrante ou acessório”, acaba-se agindo de forma apressada e retirando, de forma irrefletida, partes e mais partes do texto. “Antes tudo do que nada.”, conforme diz o autor.

Dificuldades do texto: estilo e temática podem interferir na leitura e compreensão de um texto. Assim como a dificuldade anterior, entendimento, base de leitura, domínio do vocabulário corrente e conhecimento do assunto são questões que se impõem ao estudante. O resultado é o mesmo: “Antes tudo do que nada.” É fato, podemos acrescentar, que a linguagem usada e a terminologia especializada também dificultam a compreensão do texto. Mas, nesse caso, existe ainda a possibilidade de se encontrar diante de um texto escrito por um autor que não estava muito preocupado com a comunicação de suas ideias. São minoria em boa parte das áreas do conhecimento, mas é bom saber que, esses autores, que escrevem de maneira complexa, truncada e, muitas vezes, incompreensível, provocam enorme desgaste naqueles que precisam resumir ou resenhar seus textos.

Cabe destacar que essas dificuldades não se restringem ao resumo, elas fazem parte dos fichamentos e das resenhas. Dessa maneira, é importante que se esteja preparado para momentos em que tais dificuldades surgirem. Com paciência, aplicação e insistência elas serão superadas. Os resultados são motivadores quando se consegue superar tais obstáculos.

Referindo-se às resenhas, Létourneau (2011, p. 19), diz que

As vantagens desse exercício são numerosas: ele possibilita descobrir as obras de um autor, apreciar as sutilezas de sua reflexão, afinar-se com o diapasão da ciência, assimilar novos conhecimentos e familiarizar-se com técnicas, métodos de trabalho e procedimentos de análise.

Quando novos conhecimentos são assimilados, a percepção que se tem de determinados tipos de textos pode mudar, justificando um esforço maior de leitura daqueles documentos que parecem mais uma obrigação disciplinar do que uma etapa no processo de aprendizado. Busca-se, como diz Létourneau na citação acima, uma familiarização metodo-

lógica que permita que essa forma de estudo e pesquisa seja incluída nos afazeres diários da academia.

Entendendo que há um propósito na leitura para um fichamento, um resumo ou uma resenha, evita-se o desperdício de tempo e outros aborrecimentos que aparecem quando não se vê sentido naquilo que está sendo feito. Para Salomon (2001, p. 95),

O estudante que tem o hábito de ler sem um propósito determinado assenta-se e simplesmente lê; ao término diz: ‘Pronto, já li.’ Assim o faz com todas as matérias, no mesmo ritmo de leitura, e reage da mesma maneira diante de qualquer assunto. Tal estudante tem muito a aprender, pois este não é o modo correto de agir.

É preciso ter um propósito inicial e ler em função dele. Um propósito inicial pode ser o de ter ideia do assunto. Outro pode ser o de tirar a essência ou o mais importante do que se vai ler.

“Por que estou lendo esse documento?” e “Do que se trata esse documento?” são perguntas que sevem, primeiro, como ponto de partida, motivação, compreensão de uma ação diante de um documento e, segundo, como integração com o conteúdo do documento e a apropriação de suas informações. Antes de passar ao tópico seguinte, destaca-se que essa apropriação de informações segue objetivos prévios do estudante pesquisador, mas, também, é influenciada pelos objetivos do próprio documento. Reflete, portanto, um processo dialético, de extrema importância, pois, conduzirá leitor e documento para novas sínteses, conclusões, análises, perguntas e relações.

3. Etapas da análise do Documento Acadêmico

Indicados esses momentos de encontro com alguns obstáculos nos estudos e compreendido que esses obstáculos quase sempre se apresentarão, às vezes perceptíveis, outras

não, pois, são parte do processo de conhecimento e o objetivo é superá-los, passa-se agora para a apresentação das etapas básicas de análise do documento acadêmico.

Na esfera da *leitura* do documento acadêmico, na Figura 1, seguem as etapas propostas por Antônio Joaquim Severino, no livro “Metodologia do Trabalho Científico”.

Figura 1. Etapas da leitura analítica.



Fonte: Severino (2010, p. 64).

Para Macedo (1994, p. 34-35), “[...] o pesquisador é um homem como qualquer outro; pensa numa língua dada, cujas categorias lhe foram introjetadas através da educação, que é um processo social; possui uma visão de mundo socialmente condicionada pela sua realidade histórica concreta [...]”, ou seja, possui uma memória de saberes contextuais e afetivos. Dessa maneira, segundo a autora, “O discurso ‘objetivo’ supõe sempre o ponto de vista acerca da objetividade de quem o emite, calcado no grupo a que pertence, no momento histórico no qual vive, na ‘verdade’ que elegeu ou que lhe foi imposta.” Isso quer dizer que mesmo um texto objetivo tem sua objetividade analisada de um determinado ponto de vista,

incorporando a ele elementos históricos e contextuais enriquecedores, porém, ao mesmo tempo, subjetivos.

São esses elementos que podem ser trazidos à tona com a leitura analítica (Figura 1). Por outro lado, nosso foco principal é, justamente, o registro das leituras enquanto registros de informação.

É importante que, desde o primeiro texto lido, um arquivo para anotações seja aberto. Mas, como fazer tais anotações? Geralmente, elas podem ser feitas por meio de *fichamentos*.

O fichamento é o primeiro exercício que fazemos quando entramos em contato com novos ambientes de pesquisa, quando temos novas ideias e/ou quando precisamos “escavar” subsídios para sustentar pontos de vista.

4. Observações sobre os fichamentos

Como já mencionado na introdução, o fichamento é um *método de pesquisa e de documentação pessoal*, portanto, pode ser realizado de várias maneiras. Sua função é de organizar ideias a partir do estudo do material de pesquisa.

Não há limite para se fazer fichamentos, mas isso depende de *coerência*. Não se pode fichar tudo sobre um tema e, geralmente, não usamos todo o material que levantamos.

Mas será que o simples ato de produzir fichas é tão importante assim? Quer dizer que “copiar” trechos de textos é uma tarefa fundamental?

Três pontos podem ser observados em relação às perguntas acima:

1. Fazer um fichamento não é um ato mecânico e isolado. Não é uma questão de quantidade de registros, mas de *pesquisa*. Quando falamos em pesquisa temos que ter em mente que a perspectiva *reflexiva e crítica* deve sobressair, em tese, à característica da mensuração. Entender um

assunto é, na maioria das vezes, mais importante do que compilar muitos assuntos mecanicamente.

2. Quando fazemos algum fichamento devemos ter claro qual é o seu objetivo. Por que fazer um fichamento? Qual o seu objetivo? Qual o tema ou ideia que será usada para selecionar os trechos para o fichamento? Assim, não são apenas trechos que “copiamos”, mas *ideias* que vamos dispondo de forma ordenada para organizar nosso raciocínio, permitindo sua recuperação.
3. Se pensarmos nossa atividade de *documentar* como uma forma de pesquisa e de geração de novos conhecimentos, não veremos o fichamento como um simples “copiar-colar”, mas como uma base confiável e coerente para dar sustentação às nossas ideias.

Orientações gerais:

- Todo fichamento deve conter a referência completa da obra;
- Os trechos literais extraídos dos textos devem aparecer como citações;
- Toda citação direta ou indireta deve seguir uma normalização;
- Dispor coerentemente o texto;
- Incluir todas as informações necessárias sobre o tema fichado;
- Ter objetividade, respeitando os dois itens anteriores;
- Seja coeso na construção textual;
- Se possível, use suas próprias palavras entre as citações (o fichamento reelabora ideias);
- Sempre que possível, procure fazer uma síntese geral no início ou no final do fichamento.

No fichamento é possível registrar as anotações em fichas, cadernos, blocos de anotações; também pode digitar no computador, montar pastas e fazer arquivos *online*.

Vejamos agora como é um fichamento na prática:

Antônio Joaquim Severino divide os fichamentos em: temáticos, bibliográficos e biográficos. Lembremos que há uma certa liberdade nesta atividade, pois é um método pessoal de estudo.

a) Ficha de documentação temática

ESPISTEMOLOGIA

Conceituação

Segundo Lalande, trata-se de uma filosofia das ciências, mas de modo especial, enquanto “é essencialmente o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinado a determinar sua origem lógica (não psicológica), seu valor e seu alcance objetivo”. Para Lalande, ela se distingue, portanto, da teoria do conhecimento, da qual serve, contudo, como introdução e auxiliar indispensável.

LALANDE, *Voc. Tecn.*, 293

“Por Epistemologia, no sentido bem amplo do termo, podemos considerar o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais.”

JAPIASSU, *Intr.*, 16.

Japiassu distingue três tipos de Epistemologia:

1. *a Epistemologia global* ou geral que trata do saber globalmente considerado, com a virtualidade e os problemas do conjunto de sua organização, quer sejam especulativos, quer científicos;
2. *a Epistemologia particular* que trata de levar em consideração um campo particular do saber, quer seja especulativo, quer científico;
3. *a Epistemologia específica* que trata de levar em conta uma disciplina intelectualmente constituída em unidade bem definida do saber e de estudá-la de modo próximo, detalhado e técnico, mostrando sua organização, seu funcionamento e as possíveis relações que ela mantém com as demais disciplinas.

Obs.: Conteúdo global da obra.

Fonte: Severino (2010, p.75).

Notem que não há um padrão. O que é importante num fichamento é coletar elementos, de maneira coerente, retratando o conteúdo de um texto e/ou de um tema. Mas, atenção, o que deve ser levado em consideração também é a estrutura e não somente a formatação. Geralmente, os manuais de metodologia estão desatualizados e/ou imprimem uma interpretação própria. Assim, a primeira citação do exemplo **a]** ficaria da seguinte maneira:

b]

“[...] é essencialmente o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinado a determinar sua origem lógica (não psicológica), seu valor e seu alcance objetivo.”
(LALANDE, ano, p. 293).

Vejam também que o fichamento do exemplo **a]** traz, no final, uma síntese do conteúdo que interessa ao autor. Nestes casos não é necessário indicar páginas, pois o que está sendo tratado é o *conteúdo global da obra*.

Nos fichamentos, assim como em qualquer outro texto, as citações diretas devem aparecer entre aspas, acompanhadas de sobrenome do autor, ano e página (exemplo **b]**). Quando a citação tiver mais que três linhas, deve ser deslocada, sem espaçamento e com a letra menor que o resto do texto. As citações indiretas não precisam de aspas, mas devem trazer autoria, ano e página, se for o caso. Aconselha-se consultar as NBRs 6023 (referência), 10520 (citação) e 14724 (apresentação de trabalhos).

Saber usar as normas não é um simples requisito acadêmico e/ou profissional, mas é uma obrigação daqueles que trabalham com textos e estão comprometidos com a qualidade do que produzem, fazendo justiça aos autores utilizados. Existem muitos manuais que trazem roteiros para o uso das normas da ABNT. Eles podem ser encontrados com facilidade na *internet*.

Continuemos com os exemplos.

c) Ficha de documentação bibliográfica

EPISTEMOLOGIA

JAPIASSU, Hilton F.

O mito da neutralidade científica

Rio, Imago, 1975 (Série Logoteca), 188p.

Resenhas: *Reflexão I* (2): 163-168. abr. 1976.

Revista Brasileira de Filosofia 26

O texto visa fornecer alguns elementos e instrumentos introdutórios a uma reflexão aprofundada e crítica sobre certos problemas epistemológicos (p.15) e trata da questão da objetividade científica, dos pressupostos ideológicos da ciência, do carácter praxiológico das ciências humanas, dos fundamentos epistemológicos do cientificismo, da ética do conhecimento objetivo, do problema da cientificidade da epistemologia e do papel do educador da inteligência.

Embora se trate de capítulos autônomos, todos se inscrevem dentro de uma problemática fundamental: a das relações entre ciência objetiva e alguns de seus pressupostos.

O primeiro capítulo, “Objetividade científica e pressupostos axiológicos” (p.17-47), coloca o problema da objetividade da ciência e levanta os principais pressupostos axiológicos que subjazem ao processo de constituição e de desenvolvimento das ciências humanas.

No segundo capítulo, “Ciências humanas e praxiologia” (p.49-70), é abordado o carácter intervencionista destas ciências: elas, nas suas condições concretas de realização, apresentam-se como técnicas de intervenção na realidade, participando ao mesmo tempo do descritivo e do normativo.

No terceiro capítulo, “Fundamentos epistemológicos do cientificismo” (p.71-96), o autor busca elucidar os fundamentos epistemológicos responsáveis pela atitude cientificista e mostra como o método experimental, racional e objetivo, apresentando-se como único instrumento particular da razão, assumiu um papel imperialista, a ponto de identificar-se com a própria razão.

Fonte: Severino (2010, p.76).

No caso acima c], a estrutura está bem definida e as indicações de conteúdo também, porém é de difícil identificação a obra que é objeto do fichamento. Há um conjunto desordenado de elementos bibliográficos no início do fichamento, mas não há nenhuma menção do porque estão ali. Também não há uma referência correta de acordo com a NBR 6023. Porém, olhando com mais atenção, podemos verificar que o fichamento é sobre o livro *O mito da neutralidade científica*. Na sequência, Severino indica duas resenhas que estão, respectivamente, nas revistas Reflexão e Revista Brasileira de Filosofia. Na verdade, a referência do exemplo c] seria a seguinte:

d]

JAPIASSU, Hilton F. O mito da neutralidade científica . Rio de Janeiro: Imago, 1975.

É importante que, no âmbito do fichamento pessoal, todas as informações necessárias sejam incorporadas e de maneira correta, principalmente, no caso de referências bibliográficas relacionadas. Deve-se dizer porque foram relacionadas, pois, muitas vezes, é comum se esquecer o motivo de elas estarem ali, perdendo alguma informação importante para trabalhos posteriores. Dessa maneira, mesmo com a liberdade de se realizar um fichamento no âmbito da documentação pessoal, é necessário o uso de algum padrão para o registro das informações.

e] Ficha de documentação biográfica

JAPIASSU

Hilton Ferreira Japiassu

1934-

Licenciou-se em Filosofia pela PUC do Rio de Janeiro, em 1969; formou-se em Teologia, pelo Studium Generale Santo Tomás de Aquino, de São Paulo. Fez o mestrado em Filosofia, na área de Epistemologia, na Université des Sciences Sociales, de Grenoble, na França, em 1970; nessa mesma Universidade, doutorou-se em Filosofia, em 1973. Fez pós-doutorado em Strasbourg, no período 84/85, também na área de Epistemologia.

Atualmente é docente de Epistemologia e de História das Ciências e de Filosofia da Ciência, nos cursos de pós-graduação em Filosofia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desenvolve suas pesquisas nas áreas de epistemologia, investigando as relações entre ciência e sociedade, o sentido da interdisciplinaridade e o estatuto epistemológico das Ciências Humanas em geral, e da Psicologia em particular.

Além da tradução de vários textos filosóficos e da publicação de muitos artigos, Japiassu já lançou os seguintes livros: *Introdução ao pensamento epistemológico*, 1975; *O mito da neutralidade científica*, 1975; *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, 1976; *Para ler Bachelard*, 1976; *Nascimento e morte das ciências humanas*, 1978; *Introdução à epistemologia da Psicologia*, 1978; *A psicologia dos psicólogos*, 1979; *Questões epistemológicas*, 1981; *A pedagogia da incerteza*, 1983; *A revolução científica moderna*, 1985; *As paixões da ciência*, 1991; *Francis Bacon: o profeta da ciência moderna*, 1995.

Fonte: Severino (2010, p.77).

A partir do exemplo acima poderíamos levantar a seguinte questão: por que devemos fazer um fichamento sobre um autor?

Claro que escrever sobre autores não parece comum, talvez desnecessário, mas isto é um engano. Conhecer o lega-

do literário/científico de um autor/pesquisador é tão importante quanto conhecer uma única obra sua em profundidade. É comum escrevermos usando outros autores, por vezes, nos detemos demoradamente sobre ideias alheias, porém, pouco sabemos sobre quem as escreveu.

Apresentamos trabalhos e seminários, nos baseamos em outras obras para fazer isso, mas, na maioria das vezes, mal sabemos o primeiro nome ou o sobrenome dos autores dessas obras. Muitas vezes nos referimos a um texto ou autor como “aquele que trata de tal assunto”, ignorando até mesmo seu título.

É importante conhecer as pesquisas de determinado autor. É importante saber qual a sua formação. São informações que nos ajudam a compreender o itinerário de pensamento do próprio autor, suas predileções e principalmente, a escola de pensamento a qual segue.

Claro que, sempre que tivermos que fichar um material, não iremos fazer fichas “temáticas”, “bibliográficas” e “biográficas”, mas podemos incluir, em um mesmo fichamento todos esses elementos e ter outros resultados como uma *resenha* ou o início de uma *revisão bibliográfica*.

Para finalizar, tente fazer um exercício de fichamento unindo *a*], *c*] e *e*], não necessariamente nesta ordem, para ver como isso se daria na prática.

Exemplos de fichas

114		COMO SE FAZ UMA TESE	
		Quadro 5 FICHAS DE CITAÇÕES	
		CIT	
		Vida como arte	Nº
		"Em geral a natureza se engana" ?	
		<u>Original</u>	
		"Nature is usually wrong"	
		J.A. McNeill Whistler	
		<u>The gentle art of making enemies</u>	
		1890	
		CIT	
		Vida como arte	Nº
		Villiers de l'Isle Adam	
		"Viver? Nisso pensam os nossos criados" (Castelo de Axel...	

114		COMO SE FAZ UMA TESE	
		Quadro 5 EXEMPLO DE FICHA BIBLIOGRÁFICA	
		Bo. com. 107-5171	
		<u>AVERBACH, Erich</u>	
		<u>Mimesis - Il realismo nella lettera-</u>	
		<u>tura occidentale, Torino, Einaudi,</u>	
		<u>1956, 2 vols, pp xxxix - 204 e 350</u>	
		<u>Título original:</u>	
		<u>Mimesis. Darstellte Wirklichkeit</u>	
		<u>in den abendländischen Literatur,</u>	
		<u>Bonn, Francke ... 1946</u>	
		<u>[Ve no segundo volume o ensaio</u>	
		<u>"Il mondo nella bocca di Pantagru-</u>	
		<u>le"]</u>	

Fonte: Eco (2014, p. 78). Fonte: Eco (2014, p. 114).

Fonte: Eco (2014, p. 78). Fonte: Eco (2014, p. 114).

Quadro 7: FICHA DE LECTURA

<p>Croce, Benedetto. <i>Recessão e Nelson Sella, Estética musical in S.T. d'A La critica</i>. 1931. P. 71</p> <p>T. Gen (V) (V. ficha)</p>	<p>Realça o cuidado e a modernidade de convicções estéticas com que Sella aborda o tema.</p> <p>Com relação a S.T., Croce afirma:</p> <p>"[...] o fato é que suas idéias sobre o belo e a arte não são falsas, mas muito gerais, e por isso pode-se sempre, num certo sentido, aceitá-las ou adotá-las. Como as que atribuem à pulcritude ou beleza a <i>inteligência</i>, <i>estética</i>, ou <i>sonorância</i>, e a <i>clareza</i>, isto é, a nitidez das cores. Ou como essa outra, segundo a qual o belo diz respeito ao poder cognoscitivo; e mesmo a doutrina para a qual a beleza da criatura é a <i>semelhança da beleza divina presente nas coisas</i>. O ponto central é que os problemas estéticos não constituíam objeto de um verdadeiro interesse nem para a Idade Média em geral, nem para São Tomás em particular, cujo espírito se voltava para outros caminhos: daí estarem condenados à generalidade. E por isso os trabalhos em torno da estética de São Tomás e de três filósofos medievais são pouco frutíferos e tediosos, quando não são (em geral não são) tratados com a discrição e a elegância com que Sella escreveu o seu".</p> <p>[A refutação dessa tese pode servir-me como tema introdutório. As palavras conclusivas como hipótese.]</p>
--	---

Fonte: Eco (2014, p. 123). Fonte: Eco (2014, p. 124).

Quadro 8: FICHA DE LECTURA

<p>Blondolillo, Francesco</p> <p>"L'estetica e il gusto nel Medioevo", cap. II da <i>Brevi storia del gusto e del pensiero estetico</i>, Messina, Principato, 1924, pag. 29.</p>	<p>Blondolillo ou o gentilismo mitopa</p> <p>Fassamos por cima da introdução, vulgarização para almas jovens do verbo gentiliano. No capítulo sobre a Idade Média, S.T. é liquidado em deztoito linhas. Na idade Média, o problema estético perdeu a importância a que tinha acontecido especialmente por obra de Aristóteles e de Plotino." [Carência cultural ou má-fé? Culpa sua ou da escola?] Continuamos: "Isto é, estamos com o Dante da idade madura que, no Convívio (II, 1), atribuiu à arte pelo menos quatro significados [expõe a Teoria dos quatro sentidos, ignorando que Buda já a repetiu/ não sabe mesmo nada]... E Dante e outros acreditaram que esse significado quádruplo existia na <i>Divina C.</i>, a qual, pelo contrário, só tem valor artístico apenas quando, e só enquanto, é expresso pura e desinteressada de um mundo interior próprio, e Dante se abandona por inteiro em sua visão." [Pobre Itália! E pobre Dante, toda uma vida esforçando-se na busca de representitidos e representitidos, esse sujeito alunar que não estavam lá: a ser citada como taratologia historiográfica.]</p>
--	--

Fonte: Eco (2014, p. 123). Fonte: Eco (2014, p. 124).

Referências

- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. 25. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- LÉTOURNEAU, Jocelyn. Como fazer uma resenha de leitura. In: _____. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 19-35.
- MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- SALOMON, Délcio Vieira. Como resumir. In: _____. **Como fazer uma monografia**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 91-120.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.